

A representação dos povos quilombolas na obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019): o racismo estrutural sob o olhar feminino

The representation of quilombolas in *Torto arado*, by Itamar Vieira Junior (2019): structural racism through the female perspective

João Lucas Santiago¹
Vanderléia da Silva Oliveira²

RESUMO: Análise de *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior com atenção ao ponto de vista da narração, uma vez que as narradoras do romance, três mulheres quilombolas, revelam na obra as marcas deixadas pela escravidão no Brasil, o que por consequência auxilia na compreensão do racismo estrutural e institucional na sociedade brasileira. Como resultado, verifica-se que o romance expressa a relação entre o passado escravagista e o retrato atual dos negros, das comunidades quilombolas e da desigualdade social no Brasil.

ABSTRACT: Analysis of *Torto arado* (2019), by Itamar Vieira Junior with attention to the point of view of narration, since the narrators of the novel, three quilombola women, reveal in the work the marks left by slavery in Brazil, which consequently helps in the understanding of structural and institutional racism in Brazilian society. As a result, it appears that the novel expresses the relationship between the slavery past and the current portrait of blacks, quilombola communities and social inequality in Brazil.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa brasileira contemporânea; Quilombolas; Racismo; *Torto arado*.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Narrative; Quilombolas; Racism; *Torto arado*.

1 Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

2 Pós-doutorado em Letras pela Universidade de Coimbra. Professora Associada do Centro de Letras, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, campus Cornélio Procópio. Líder do Grupo de Pesquisa Crítica e Recepção Literária (CRELIT).

Uma voz necessária e potente irrompe na literatura brasileira

Assentada no contexto da produção ficcional contemporânea, *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, resgata certo sentido tradicional da literatura brasileira, ao apresentar algumas das marcas do regionalismo, mas, simultaneamente, revela um traço da chamada urgência, conforme proposto por Schøllhammer (2011), neste caso referida por meio de um anacronismo, ao lidar com mazelas históricas ainda não resolvidas, como o racismo estrutural e institucional³, o trabalho análogo escravo e até mesmo algumas questões que acenam para uma reforma agrária. Objetiva-se, nesse sentido, a partir do ponto de vista das três narradoras do romance, compreender tais problemas sociais e de que modo eles se relacionam com o panorama atual referente à desigualdade entre brancos e negros no Brasil.

Itamar Rangel Vieira Junior realizou pesquisa de doutorado em estudos étnicos e africanos na comunidade quilombola de Lúna, da Chapada Diamantina. É servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), convivendo há tempos com quilombolas, agregados, trabalhadores e trabalhadoras rurais. Como escritor, publicou outras três obras, de contos: *Dias* (2012), vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura (Bahia), *A oração do Carrasco* (2017), finalista do Prêmio Jabuti (2018) e, mais recentemente, *Doramar ou a Odisseia: Histórias* (2021).

3 Aqui, entende-se o racismo estrutural como uma herança do período escravista, dado que após a abolição os ex-escravos, ou seja, as pessoas negras, foram abandonadas, sem nenhum suporte, de modo que não foram integrados à sociedade. Essa forma de racismo originou, então, uma diferença estrutural entre pessoas brancas e negras, gerando desigualdades visíveis até os dias atuais, seja por diferenças socioeconômicas, seja no acesso à universidade, na ocupação de cargos mais e menos valorizados etc. O racismo institucional é uma consequência do próprio racismo estrutural, haja vista que, sendo as instituições (públicas e privadas) construídas a partir deste modelo hierárquico, as pessoas brancas, dentro das instituições, são mais favorecidas em relação às negras, sendo notável esta diferença em discrepâncias salariais, contratações e em outros estigmas como uso de caricaturas raciais estereotipadas em ações de segurança e de referência policial. O tema é amplamente discutido e pode ser encontrado em fontes como *Racismo Estrutural* (2019), de Sílvia de Almeida, e *Pequeno Manual Antirracista* (2019), de Djamila Ribeiro, dentre outras.



Em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*⁴, da TV Cultura, Itamar foi indagado diversas vezes sobre a relação entre o romance e a função que desempenha como servidor público no INCRA, o que o levou a comentar sobre a escolha por mulheres para desempenhar o papel de narradoras do romance, alegando ser influência proveniente do que verificou no campo brasileiro. Em uma tentativa de aproximar o romance da realidade, o autor diz ter testemunhado que elas exercem um papel de liderança em meio às comunidades tradicionais e em meio aos trabalhadores e sindicatos. A escolha provém também do fato de serem elas componentes ainda mais vulnerabilizadas, haja vista que, além de lidar com os conflitos agrários e racismo, agem contra um sistema patriarcal e machista. É relevante destacar que, aqui, investiga-se a voz das mulheres num texto de autoria masculina, que busca revelar o olhar feminino em relação às vivências e enfrentamentos sofridos pelos povos quilombolas.

A obra foi publicada em Portugal após receber o prêmio Leya (2018) na categoria “romance literário”, concurso para o qual o autor a submeteu, segundo ele, “sem muitas expectativas²”. Além dessa premiação, ela foi vencedora dos Prêmios Oceanos (2020) e do Jabuti (2020), do Brasil, o que a fez despontar rapidamente no cenário midiático cultural, sendo reconhecida e bastante elogiada.

Milton Hatoum, em *live*⁵ com o próprio Itamar, classificou *Torto arado* como “encharcado de humanidade” e, em seguida, salientou que mesmo a obra tendo alcançado “as graças do público”, com certeza possui uma história relacionada a um complexo processo de escrita. Ao que parece, como uma réplica a eventuais interrogativas sobre a qualidade do romance, questionamentos comuns e que se fazem pertinentes, posto que, no que se refere à visibilidade e condições de produção, os

4 Realizada em 15 de fevereiro de 2021 com transmissão na TV Cultura e no YouTube. *Roda Viva*. Disponível em: <<https://youtu.be/Mu9iUc2UHBQ>>. Acesso 10 jun. 2021

5 Realizada em 13 de maio de 2021 com transmissão no YouTube e Facebook. *Passaporte Literário*. Disponível em: <<https://youtu.be/ZX5HPswAAIE>>.

escritores contemporâneos possuem vantagens, sobretudo em comparação com a dinâmica de publicação das gerações anteriores.

O sucesso da obra, entretanto, não se dá exclusivamente pelas instâncias de legitimação (BOURDIEU, 1974), ou seja, críticas e/ou prêmios; é justo dizer que elas auxiliam o processo de divulgação, mas a força da obra se dá pelo retrato de um Brasil velado, profundo e rural. O livro é dividido em três partes — “Fio de corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue” — e é narrado pelas irmãs Bibiana e Belonisia e pela entidade Santa Rita Pescadeira.

A história se passa principalmente em “Água Negra”, uma fazenda anunciada, a princípio, como situada nos arredores da Chapada Diamantina no estado da Bahia. A propriedade abriga cerca de quarenta famílias que, subordinadas ao trabalho na lavoura, detém como “direito” máximo, a estadia em uma casa de barro e a possibilidade de pequenas roças em seus quintais. O incidente que direciona a história é narrado nas primeiras páginas pela mais velha das irmãs, Bibiana, quando ainda crianças, as meninas brincavam com bonecas feitas de espiga de milho e, tomadas pela curiosidade e pela ocasião oportuna proporcionada pela ausência da avó Donana, são levadas a investigar uma mala de couro que a matriarca guardava com mistério.

Na mala encontraram um pedaço de tecido que enrolava um objeto misterioso; matéria que transformaria para sempre a relação das duas irmãs: “Vi os olhos de Belonisia cintilarem com o brilho do que descobríamos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém-tirado da terra. Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, e minha irmã pediu para pegar.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.15).

A admiração pela faca reluzente fez com que considerassem a possibilidade de levá-la à boca, para sentir o “gosto”, causando um ferimento em cada uma delas; a diferença, revelada com mistério, seria que uma feriu-se superficialmente, enquanto a outra, além do pedaço da língua, perdera também a habilidade de falar. Cria-se



nas páginas subsequentes certa expectativa no leitor sobre qual delas teria perdido a língua, pois a narradora revela que uma teria de se tornar a voz da outra, auxiliando-a em sua comunicação.

“Fio de Corte” se encerra com as irmãs Bibiana e Belonísia adultas, dispostas a se aventurarem pela vida e seguras de suas paixões. A mais velha, grávida do primo Severo, decide fugir da fazenda em busca de uma realidade diferente, menos dura. Belonísia descobre-se, assim como seu pai Zeca Chapéu Grande, uma mulher com uma forte ligação com a terra, porém, ao contrário dele, que se contrapunha à ideia de revoltar-se contra os proprietários da fazenda em relação ao modo como viviam, não se resignava, apoiava e compreendia a necessidade de que lutassem para que aquela realidade fosse contornada.

O segundo capítulo, “Torto arado”, narrado por Belonísia, descreve a partida da irmã. Na ausência de Bibiana, ela se dedica ao trabalho na lavoura, nas aulas da já construída escola da propriedade, que frequenta demonstrando resistência e desinteresse, e nas rodas do Jarê, sempre presente na rotina dos moradores da comunidade.

O Jarê, a propósito, é um elemento fundamental na tessitura do romance, uma vez que dele se revelam as principais manifestações culturais dos povos quilombolas: a dança, a música, a cura, fé e a espiritualidade, principalmente, pela composição de Santa Rita Pescadeira, a entidade que narra a última parte do romance. Banaggia (2013) explica que nessa religião tem-se o hábito de incluir refeições e manjares, fazer rituais, inclusive de sacrifício animal e que os líderes, sensíveis à ação das entidades, costumam ser possuídos tomando delas as suas ações. Popularmente, o Jarê é conhecido por organizar-se a partir de aspectos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo kardecista.

Ao longo da narrativa, Belonísia se mostra uma mulher forte, intensa e justa nas páginas que personificam a sua “voz”. Possivelmente, essa força chama a atenção de

Tobias, peão que a toma por esposa. A união não é das mais positivas, uma vez que ele se mostra um péssimo marido para ela, que se vê presa, solitária e vulnerável na casa de um desconhecido, boêmio, que apenas reclama e coloca defeitos em tudo que ela faz.

Tobias parecia, a princípio, feliz com a organização e com os afazeres domésticos de Belonísia, mas pouco a pouco passou a fazer reclamações, a beber muito e não demorou a se tornar violento. As ações e juízos do personagem são abarrotadas de machismo, resultado do patriarcalismo, sistema estrutural e ainda muito efetivo na sociedade. Em um passado não muito distante era comum que à mulher fossem atribuídas as tarefas de cuidar dos filhos e do lar, enquanto ao homem, por ser “detentor da força física”, o de provedor de benefícios para a família. Embora seja ainda bastante presente, este viés tem mudado e as mulheres, pouco a pouco, têm conquistado diferentes espaços e essas funções não mais atribuídas somente a elas, como um caractere específico de mulher.

As páginas finais do capítulo narrado por Belonísia marcam duros acontecimentos, tais como mortes, luto, injustiças, violência e o retorno da irmã Bibiana para as terras de Água Negra. A epígrafe do livro *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar (1989), disposta no intróito da narrativa — “*A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo*” — pode nesse ponto ser compreendida pelo leitor. Nesta obra, André, o protagonista, deixa sua família do interior para ir morar em uma pequena cidade, fugindo da vida no campo, da pressão paterna e do amor incestuoso que sente por sua irmã. Já em “*Torto arado*”, Bibiana deixa Água Negra na companhia do primo Severo com o sonho de se tornar professora, de modo a alcançar uma vida melhor.

O retorno do casal, anos mais tarde, é marcado por conflitos pelo direito à terra de Água Negra, que naquele contexto pertencia a outra família. Severo, que desde antes da partida se mostrava inconformado com o modo como viviam, aliado aos



movimentos sindicais, acaba sendo morto, o que revela as histórias “soterradas” em Água Negra. Não por acaso, é que o terceiro capítulo intitula-se “Rio de Sangue”. Por meio do olhar da entidade Santa Rita Pescadeira, põe à mostra a sua ligação com as páginas finais do narrado por Belonísia, imprimindo o que poderia ser chamado de ponte entre um capítulo e outro. Afinal, esse capítulo é responsável por revelar ao leitor acontecimentos que antecedem a vinda da família das irmãs para a fazenda, o que somente poderia ser desnudado por alguém que viveu/vagou (ou presenciou) naquela época.

Um Brasil profundo revelado pela ótica de três narradoras quilombolas

As histórias, com seus recursos de focalização, abrem espaço para outros pontos de vista, de modo que os leitores compreendam motivações que, em geral, parecem-lhe alheias. A análise proposta atenta-se à obra *Torto arado*, que aborda questões intimamente ligadas à instituição das desigualdades entre negros e brancos no Brasil, o que ajuda a compreender o racismo como um agente estrutural alicerçado a partir do legado da escravidão. Nesse sentido, denuncia, pois, o trabalho análogo escravo, que se presentifica no retrato quilombola, na sua resistência e identidade, nas relações patriarcais e na luta pela posse da terra.

Importa registrar em relação à *Lei Áurea* que a abolição não se deu por benevolência parlamentar, pois foi resultado das revoltas, da pressão popular e, sobretudo, da instituição dos movimentos abolicionistas (ROSSI; GRAGNANI, 2018). Por mais de trezentos anos, sob condições mínimas de subsistência e por meio do uso de violência, principalmente física, os negros trabalharam em engenhos de cana-de-açúcar, em cafezais, lavouras de tabaco e nas fazendas e demais propriedades dos colonizadores. Ecoaram esperanças de que a partir da abolição, a realidade e a perspectiva das vidas negras seriam outras, entretanto não foram instituídas políticas públicas voltadas à

integralização dos ex-escravos na sociedade. Relutante, pelo contrário, a sociedade brasileira adotou uma série de atitudes segregacionistas, que visavam a excluir e/ou a erradicar a população negra do país. A exemplo, planejava-se implementar um projeto de urbanização nas cidades e a imigração europeia foi vista como oportuna, tendo em vista que, em simultâneo, ela executaria o trabalho e, por consequência, “embranqueceria” a população, conforme esclarece Passos (2020, p. 34).

O Brasil atual é marcado pela miscigenação e, a esse respeito, Schwarcz (1996, p.78) assinala que o período final do século XIX foi determinante para a fixação dessa caricatura racial, desacertadamente vista como um “espetáculo” que, no entanto, favorece a permanência da xenofobia, da intolerância religiosa e principalmente do racismo no país. É sob esse panorama que Itamar Vieira concebe *Torto arado*: os trabalhadores da fazenda Água Negra trocavam, naquele período, os serviços prestados pela possibilidade de uma casa de barro e pequenas roças em seus quintais, ainda sem salário e vivendo em condições mínimas.

Do ponto de vista estilístico, a obra apresenta uma prosa muito bem elaborada; há poeticidade e uma certa presença da oralidade, que, no entanto, não pretende somente “representar” a fala, e sim reelaborá-la, inserindo ritmo, melodia e sensibilidade. Nas descrições e lembranças das narradoras esse aspecto se destaca sobremaneira, marcando o tom poético da narrativa.

Outro aspecto considerável é que a história, mesmo tendo o nordeste brasileiro como pano de fundo, território de certas particularidades, não tenta mimetizar-se estreitamente. Um bom exemplo se dá no nível da linguagem, uma vez que os componentes linguísticos próprios da região não são inseridos em demasia. De modo semelhante ocorre com os elementos religiosos, pois o texto se preocupa como eles são inseridos: gradualmente, de modo simples, sem enfatizar questões que pareçam alheias ao leitor; isso se dá também porque a terceira narradora, Santa Rita Pescadeira é proveniente da religião e é atípica em relação às outras narradoras, principalmente



pela onisciência que a configura. Tais características demonstram a atenção do autor para com a diversidade de públicos pelos quais a obra poderia ser recepcionada.

Voltando-se à focalização, a posição das narradoras do romance é bastante excêntrica, uma vez que resgata a memória e a voz negra esquecidas em um país miscigenado como o Brasil, a partir de outra ótica para além da do sujeito dominador. Bibiana e Belonísia, cujo pai “[...] havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 164), revelam a saga dos povos quilombolas na busca pelos direitos sociais, de escolarização em suas comunidades, de apropriação legal da terra, assim como a determinação em conservar as manifestações culturais de seu povo. Já Santa Rita Pescadeira, por ser uma entidade contemporânea ao período escravocrata, expressa o porquê de se fazerem necessárias medidas de reparação histórica.

As irmãs limitam-se a narrar seguindo as suas experiências, percepções, sentimentos e pensamentos (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 42); nota-se que tal aspecto é disposto com muita fidelidade, já que, por vezes, elas narram um mesmo acontecimento, como o da faca, narrado pela perspectiva de Bibiana:

Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, e minha irmã pediu para pegar. Não deixei, eu veria primeiro. [...] Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei. “Me deixe pegar, Bibiana.” “Espere.” Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar, se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 15).

Sobre o episódio, vale ressaltar que Bibiana não revela qual delas perdeu o pedaço da língua e somente nas últimas linhas de “Fio de Corte” é que ela deixa o resultado à mostra, ao contrário de Belonísia, quando rememora o mesmo incidente:

Retirei-a de forma violenta quando percebi que o feitiço se voltaria contra mim, eu que seria surpreendida por nossa avó. Bibiana estaria livre para negar até o fim. Quando retirei a faca e vi Bibiana sangrando, senti que algo na minha boca também havia se rompido. Mas a emoção, a respiração acelerada pela proximidade de ser surpreendida, não me permitiram sentir naquele instante a dor que sentiria depois. Guardei nas mãos a fração de minha língua, como se por magia meu pai e minha avó pudessem colocá-la de novo no lugar. (*Ibidem*, p. 126).

A esperança de Belonísia, de que seu pai e/ou sua avó poderiam ligar outra vez a fração de sua língua, era proveniente das funções que exerciam em Água Negra. Donana, além de parteira, manejava raízes e ervas para fins curativos, e Zeca Chapéu Grande, à exceção do trabalho com a terra, desempenhava o papel de curador e líder religioso. O incidente com a faca pode ser compreendido, também, como um divisor de águas no percurso das protagonistas, dado que a relação entre as irmãs e, com os outros habitantes de Água Negra se transformaria: “[...] agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela onvivência a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã.” (*Ibidem*, p. 23-24).

Simultaneamente, pode-se perceber a presença do racismo estrutural, dado que no hospital Bibiana percebe a predominância de pessoas brancas no ambiente: “[...]Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar.” (*Ibidem*, p. 18). Do trecho, é possível inferir algumas questões, como, por exemplo, por que não se vê, com frequência, negros atuando na medicina? Souza *et al* (2020, p.2) observam, a propósito, que o Brasil mantém “[...] um legado pós-colonial de iniquidades socioeconômicas e raciais no acesso à universidade [...]”. Outra questão a ser levantada vai ao encontro da dificuldade que os quilombolas enfrentam no acesso à saúde. Grossi *et al.* (2019), revelam que a área da saúde representa uma das principais carências destas comunidades, pois, semelhante à educação, o alcance é limitado, devido à



distância, estradas não pavimentadas e pela escassez no transporte, culminando em um isolamento social.

Além da precariedade na saúde, a escolarização também se revela ineficiente em Água Negra. Por isso, Zeca Chapéu Grande solicita ao prefeito que seja construída uma escola na comunidade e a autoridade sugere que Salu, que sabia ler, ensinasse às crianças, mas ela se recusa uma vez que não sabia matemática e “[...] queria muito que seus filhos de sangue e de pegação tivessem estudo e pudessem ter uma vida melhor do que a que tinha.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 66).

A comunidade entendia que a escolarização seria um processo fundamental na formação de seus moradores e Zeca, inclusive, desejava que Bibiana estudasse para se tornar professora e pudesse dar prosseguimento aos ensinamentos. A propósito desse papel da escolarização, Campos e Galinari (2017) observam que a precariedade das escolas quilombolas é um fator determinante para a desigualdade, pois com a ausência de boas condições e de espaço físico é possível que prevaleçam somente as visões negativas dos educandos o que, por consequência, gera desinteresse nos alunos, como ocorria com Belonísia.

Portanto, a narrativa de Bibiana e Belonísia, ao desnudar o modo como as personagens viviam em Água Negra, expõe de modo simbólico a realidade dos negros no Brasil, pois essa desigualdade revelada se presentifica até mesmo na identidade de pessoas negras, que dificilmente sabem suas origens, parentescos, senão pela ancestralidade, proveniente de ex-escravizados, daí emerge o termo “afrodescendente”, referido comumente a qualquer pessoa negra. A avó de Bibiana e Belonísia, a exemplo, sequer possuía documentos, sendo assim a comunidade, de modo geral, se via sem alternativas para uma possível ascensão social em Água Negra, dado que essa ausência de documentos impossibilitava, por exemplo, que se aposentassem; por isso padeciam em meio ao trabalho árduo para benefício único dos proprietários da fazenda.

Os mais velhos acreditavam possuir uma dívida com os proprietários da fazenda, pois aquele período não se comparava ao anterior, quando o povo recém-liberto da escravidão vagava pela terra, sem comida e morada. Salu, esposa de Zeca, declara que anteriormente era ainda pior: “Vocês não passaram nem metade do que seu pai passou” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 164). Para os mais jovens, entretanto, à medida que o tempo passava, desenvolvia-se o senso de que viviam sob uma injustiça, como também a consciência de identidade da comunidade, como ocorre com Severo, marido de Bibiana, que anuncia: “[...] Não podemos mais viver assim, somos quilombolas” (*Ibidem*, p. 187). Não à toa, antes da partida com Bibiana para a cidade, ele aspirava a um futuro diferente: “[...] Ele se sentia à vontade para falar sobre seus sonhos, tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da Fazenda Água Negra.” (*Ibidem*, p. 72). É justamente essa insatisfação do personagem que fez com que parte da comunidade, principalmente aquela composta pelos mais jovens, passasse a questionar a situação em que viviam.

Bibiana presumia que uma mudança para a cidade resultaria em ascensão a longo prazo, de modo que quando retornasse pudesse convencer a família a sair de lá. Do pouco que é narrado sobre esse período, sabe-se que ela trabalhava como babá, havia feito um supletivo e logo ingressaria no magistério; já Severo dividia-se entre o trabalho na roça e os compromissos em sindicatos.

Entende-se que, do mesmo modo que havia impossibilidade de ascensão em Água Negra, na cidade também haveria muitas dificuldades. Para os mais velhos, por exemplo, seria ainda mais difícil, uma vez que não possuíam formação, por estarem acostumados ao meio rural e à sua cultura, principalmente religiosa. Além disso, todos eles, negros, quilombolas, filhos e filhas de ex-escravos, seriam naturalmente afetados pelo projeto histórico de embranquecimento da população brasileira, que colaborou para se tornarem sujeitos marginalizados, desempregados ou subempregados, ao optar-se pela mão de obra europeia.



De acordo com Fernandes (2008), após a abolição, os “libertos” tornaram-se autônomos de fato, no entanto desassistidos, não dispendo de meios para se integrarem à sociedade. Diante disso, o senso de inferioridade de pessoas negras em relação às brancas se perpetuou, se estendendo não somente no mercado de trabalho, pela falta de oportunidades, mas também sobre o modo como se fundavam as outras organizações, gerando o racismo estrutural e institucional.

O retorno definitivo de Bibiana e Severo é marcado por algumas mudanças na comunidade: chegada da primeira televisão, da antena parabólica e da energia elétrica, mas também pelo luto e injustiças. Zeca Chapéu Grande, que se contrapunha à ideia de revoltar-se contra os novos donos da fazenda, morre e de sua partida nasce o empenho da comunidade em requisitar a terra, que lhes era de direito, pelo quanto trabalharam sem salários, em condições mínimas de subsistência, também porque “[...] temiam o que estava por vir, quiçá o despejo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 176).

Severo empenhava-se em contornar situações ofensivas à comunidade — “[...] colheu assinatura para fundar uma associação de trabalhadores. Disse que precisávamos nos organizar ou, do contrário, acabaríamos sendo expulsos.” (*Ibidem*, p.198) – e se uniu a sindicatos buscando um modo para poderem reivindicar parte daquela terra. A figura de Severo representa na obra a luta dos movimentos sindicais pelos direitos dos trabalhadores rurais e sua busca por melhorias em comunidades tradicionais e quilombolas. Seu empenho “[...] foi moldando Água Negra, fazendo-a se transformar em um lugar diferente” (*Ibidem*, p. 196), o que também fez com que se tornasse um desafeto do novo proprietário. Por isso, é assassinado, com oito tiros à bala, sem testemunhas. Do crime desponta um “Rio de Sangue”, que não por acaso, intitula a última parte do romance, narrada pela entidade Santa Rita Pescadeira.

Formalmente, a encantada pode ser classificada como uma narradora onisciente intrusa (FRIEDMAN, 2002, p. 173), pois ao contrário das irmãs pode adentrar na essência das personagens, revelando detalhes mais profundos sobre as situações

narrativas; por “vaguear” pelos arredores da Chapada Diamantina desde muito, antes da chegada dos familiares de Bibiana e Belonísia, ela ajuda o leitor a compreender o que os fez alcançar aquelas cercanias e a história enterrada em Água Negra: “[...] Sou uma encantada velha, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212) e, sob a *Lei Áurea*, ela presencia a falsa liberdade a que os negros foram expostos:

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204).

É nesse contexto que o avô de Bibiana e Belonísia, José Alcino, parte do Recôncavo baiano para seguir os rumores da presença de diamantes na região da Chapada Diamantina. No entanto, como o trabalho no garimpo gerava muitos conflitos, ele acaba por alcançar a Fazenda Caxangá, onde conhece Donana, que trabalhava como empregada, servindo aos capatazes da fazenda. Sua onisciência revela inclusive, a real história da origem da faca “Donana roubou a faca do coldre esquecido no alpendre da casa sede da Fazenda Caxangá no começo da tarde. Havia viajantes em visita naquele dia. Aproveitou a breve confusão e o desleixo depois da cavalgada para surrupiar o objeto.” (*Ibidem*, p. 236).

A narradora conta que pouco tempo depois da morte de Severo, surgem alguns policiais em Água Negra, tencionando, aparentemente, solucionar aquela morte, o que levou os moradores a acreditarem que ao menos uma vez haveria justiça. No entanto, os policiais retornam após um tempo e dizem que Severo cuidava de um plantio de maconha nos arredores, sendo a sua morte resultado da disputa do tráfico



de drogas da região. Aquilo soou como uma afronta à sua memória e Bibiana resolve reunir o povo para expor que se tratava de uma mentira.

O discurso de Bibiana é conduzido pela ótica de Santa Rita Pescadeira e seus dizeres contrastam com a lamúria de toda a comunidade, narrando sobre a chegada dos pioneiros em Água Negra, grandes responsáveis pela lavoura e eclosão da comunidade, sobre as secas e enchentes que se abateram sobre a região e sobre o abandono a que seus ancestrais foram expostos após a abolição: “Quando deram liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome. Se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes disfarçada de liberdade.” (*Ibidem*, p. 220).

Ao falar sobre o período em que viveu na cidade, retoma a questão do racismo, desta vez institucionalizado como uma referência policial: “Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio.” (*Ibidem*, p. 221).

Aspecto importante a observar é justamente essa força feminina expressa na obra, que, de fato, é composta por muitas mulheres. Ainda que de modos distintos, todas elas fazem esta representação de um modo muito convincente e significativo. Bibiana, por exemplo, sonhava ser professora e idealizava ao lado de Severo uma vida para além das cercanias de Água Negra e, mesmo tendo sido bastante afetada pela morte do marido, ainda assim a sua resiliência fez com que não se abatesse. Em meio às mudanças que aguardava com esperança, Inácio, seu filho, pôde representar o resultado da luta e do empoderamento negro, quando é mencionado que ele estaria se preparando para os exames da universidade; algo antes impensável diante do modo como viviam. A ascensão se deu graças a ela, que lutou para chegar

à profissão de professora e pela luta de Severo por melhorias para a comunidade, o que certamente serviu também de inspiração ao filho.

A mudez de Belonísia, por sua vez, serve de ferramenta para ilustrar alguns opostos na narrativa: a voz e o silenciamento, a força e a fraqueza, o medo e a coragem. Ela demonstra que, mesmo uma minoria, com menor poder de ação ou de voz, pode também se levantar diante das dificuldades e limitações que lhe são impostas. Sobre esse caráter, Santa Rita Pescadeira relata uma valiosa mensagem:

Pouco antes de você se calar para sempre, sua mãe chegou da roça e encontrou um prato de cuscuz pronto. Espantou-se, ao mesmo tempo que perguntava quem o havia trazido. Ninguém. “Quem fez esse cuscuz?” “Eu que fiz.” “Mas você poderia se queimar.” Isso enterneceu sua mãe e seu pai cansados do trabalho, que agradeceram pela oferta. A terra era seu tesouro, parte de seu corpo, algo muito íntimo. Quando ia para a feira, quando caminhava até a cidade com o corpo acobreado de polpa de buriti sobre o negror da pele, não via a hora de tomar seu caminho de volta para a fazenda. (*Ibidem*, p. 246).

Ela não queria ser professora como a irmã, mas entendeu rapidamente que a comunidade resistia a uma ilegalidade e fez o que estava a seu alcance para contornar, mesmo que pouco, a situação. Um bom exemplo ocorre quando contesta o capataz da fazenda sobre recolher uma fração das batatas que havia plantado em seus quintais, passando, posteriormente, a dividir a colheita entre os familiares e levando, também, à Maria Cabocla, uma mulher que se torna sua vizinha, quando se muda para casa de Tobias, e que sofre com a violência e alcoolismo do marido.

Essa presença da violência doméstica revela, de modo simbólico, a interseccionalidade, que, segundo Crenshaw (2002, p. 177) “[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.” As mulheres de Água Negra, nesse sentido, enfrentam os mesmos obstáculos a que as mulheres negras são rotineiramente submetidas,



tendo em vista que, ao mesmo tempo em que lidam com o racismo, agem também contra um sistema patriarcal e machista.

Portanto, sob a ótica de três narradoras quilombolas, *Torto arado* (2019) nos ajuda a compreender como o racismo enraizou-se na sociedade brasileira, sendo, como um agente estrutural, o grande responsável pela desigualdade entre pessoas brancas e negras. Ainda que não se possa demarcar cronologicamente quando ocorrem os fatos da narrativa, há a menção ao período pós-abolição, que despertou um sentimento de falsa liberdade ao negro, que, mesmo livre, não encontrava meios de se integrar à sociedade.

Santa Rita Pescadeira presenciou o período, revelando ao leitor o abandono a que os ex-escravos foram sujeitos. A encantada demonstra como nas regiões rurais do país a escravidão foi maquiada, tendo em vista que os proprietários das fazendas empregavam os negros de um modo análogo ao regime escravista, sem salários, apenas com a oportunidade de viverem em casas de barro, que se desfaziam com a chuva e com o tempo.

Bibiana e Belonísia, por outro lado, demonstram as consequências dessa “falsa abolição”, ao revelarem mais a fundo o modo como viviam: sem acesso à saúde pública, com o mínimo de saneamento e escolarização, longe de se aposentar ou qualquer outro modo de deixar aquele trabalho. A análise permite, portanto, relacionar o passado escravagista com o retrato atual dos negros, da mulher negra e das comunidades quilombolas, percebendo-se que essas pessoas ainda estão condicionadas à uma desigualdade social.

A verossimilhança de *Torto arado* ilustra como o período da escravidão foi determinante para a consolidação do racismo na sociedade brasileira, desde a ausência de negros em determinados cargos, ao preconceito contra coletivos negros, religiões de matriz africana e também aos usos de caracteres estereotipados como referência em ações policiais.

Apontamentos finais

Este trabalho se propôs a abordar *Torto arado* com especial atenção aos pontos de vista das narradoras, a fim de demonstrar a permanência do racismo como um agente catalisador de desigualdades. Entretanto, é inegável que a obra possibilita variadas perspectivas de estudos no campo literário, ao permitir explorar, por exemplo, a referência ao realismo mágico latino-americano, na esteira da obra de Gabriel Garcia Márquez e de Juan Rulfo; as discussões sobre a retomada de filiação a uma série literária de cunho regionalista; o jogo narrativo, por meio da polifonia de vozes; assim como o aspecto religioso, na medida em que apresenta a religião do Jarê e sua forte influência sobre os povos quilombolas, além de variados outros traços composicionais.

Tantos aspectos a serem analisados na tessitura do romance demonstram a sua qualidade estética e força provocativa no cenário da produção contemporânea. Reitera-se, por fim, que a obra tem sido traduzida para diversos idiomas e a sua leitura reivindicada em salas de aula e exames vestibulares ao redor do país. Em tempos cuja história tem sido relegada e que a permanência do racismo é menosprezada, é importante que a literatura continue a urgir, que resista e faça o resgate às memórias do país, pela ficção.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BANAGGIA, G. *As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/ZXz7CBQzfb3jzWPFNs936gt>>. Acesso 25 fev. 2022.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.



CAMPOS, M. C. & GALLINARI, T. S. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. *Revista Nera*, n. 35, p. 199-217, 2017. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4894>>. Acesso 15 abr. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, v. 10, p. 171-188, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>>. Acesso 11 jul. 2022.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FRANCO Jr., A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da UEM, 2003. p. 3356.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, n. 53, São Paulo, p. 166-182, 2002.

GROSSI, P.K., OLIVEIRA, S.B. de, ALMEIDA, E.M. de, FERREIRA, A.C. dos S. Mulheres quilombolas e políticas públicas: uma análise sobre o racismo institucional. *Revista Diversidade e Educação*, v.7, n. especial, p.121-132, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9522>>. Acesso 25 mar. 2022.

NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PASSOS, A.L. A. *A Socialização da População Negra no Pós-Abolição: De Não Trabalhadores Assalariados a Afroempreendedores*. 2020. 113 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6023>>. Acesso 10 mar. 2022.

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSSI, A.; GRAGNANI, J. *A luta esquecida dos negros pelo fim da escravidão*. São Paulo: BBC Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>>. Acesso 22 mar. 2022.

SCHØLLHAMMER, K. E. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHWARCZ, L. K. M. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. *Afro-Ásia*, n. 18, Salvador, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20901>>. Acesso 10 mar. 2022.

SOUZA, P. G. A. de et al. Perfil socioeconômico e racial de estudantes de medicina em uma universidade pública do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/y8h6fFZnzST-MxBdzBNNC8nd/abstract/?lang=pt>>. Acesso 30 mar. 2022.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em 27/05/2022

Aceito em 26/07/2022